

Montevideu, 28 de abril de 1934

Meu caro João Neves

Parto amanhã para Rivera, em trânsito para a minha estância em Taquarembó. Parto convencido de que nada posso fazer no atual momento, de que não me é dado continuar colaborando por ora com os caros companheiros de tantas lutas e amarguras. Com o que está aí eu não transijo, mas também não posso fazê-lo com o que se denuncia. Vejo-me, pois, forçado a cruzar os braços, à espera de que o destino se cumpra. V. bem pode imaginar a tortura que isso é para o meu espírito, e o estado de incompatibilidade em que tal contradição me coloca. Mas não há fugir; pelo caminho traçado não me é dado passar.

Os meus votos, entretanto, são por que eu esteja incidindo num erro total, isto é, que não só o homem vá à luta, mas também, o que é principalíssimo, uma vez de posse do governo faça dele um instrumento de liberdade e progresso. Então, sim, reconhecerei lealmente o meu erro e cumprirei as mais duras penitências que se quiserem impor. Agora, porém, terei de recolher-me.

Li num dos últimos números do Correio do Povo aqui chegados umas declarações do Góis, que talvez denunciem maiores disposições para a luta. É o caso que, dizendo-se embora partidário de um governo forte, nega a pés juntos que seja fascista e reconhece que o Brasil não admite outro governo que não seja democrático. Até parece sermão encomendado... Não será para destruir o efeito que as suas intempestivas e reiteradas declarações tem produzido sobre a opinião pública?

Deixando-lhe aqui as minhas despedidas muito cordiais, quero que V. delas se torne o órgão junto aos demais companheiros que se encontram na formidável capital platina.